

SUPPLEMENTO BURLESCO

AO N.º 1908 DO



QUEBREMOS DEWEIBERD

FARÇA MÁGICA EM 1 ACTO.

(O theatro representa a cela (sem calambourg) do Cadastrone. Este apparece assentado defronte de uma mesa, comendo camarões.)



Cadastrone — Dão 3 horas. Pouco podem tardar. E' este o dia da minha maior ventura; reunirei hoje, de certo, os meus maiores amigos, e hade apparecer dinheiro; e se não... ah! tremam da minha vingança. [Vai para levantar-se, entra o Marcos].

Marcos — Não esconda os camarões. Adeos, amigo! [começa a comer tambem]. Mas que é isto? não vejo vinho! e elles estão tão salgados!!

Cadastrone — Aqui não ha senão agua.

Marcos — Que ouço! oh horror! [pega em 3 camarões]. Eu saio, vou beber meio quartilho em cima, e já volto para conversarmos. [Sahe].

Cadastrone — Este só quer vinho, e eu quero pintos.... [ouve-se tocar o negro merlo, e entra o conde caleche carregado de rôlhas de cortiça].

Conde caleche — Estás só, Cadastrone?

Cadastrone — Sim, estou só; se tens que dizer, seja depressa, que não tarda ahi o Marcos, que foi molhar a palavra ao armazem cá de baixo.

Conde caleche — Deixa-o vir, que de certo não vem em estado de nos attender. Então que me queres?

Cadastrone — Quero dinheiro para pagar aos empregados, quando não esganam-me.

Conde caleche — Então é a mim que tu o pedes? Tomára eu poder apanhar para mim alguma porção do tal metal luzente. Esperamos que venha alguém, que talvez o traga. Mas pagar aos empregados agora é uma loucura: vão gastar tudo na feira do Campo Grande. [Sente-se rumor na escada]. Oh! ahi vem gente. [Lopes, branco entrando, e trazendo na mão uma cega rega]. Traz dinheiro?

Lopes, branco — [com admiração] dinheiro!!.... Eu venho buscar o meu colete branco, porque tenho que ir esta noite a um baile.

Cadastrone — Foi para a lavadeira.

Lopes, branco — Bonito! Estou acaado; não tenho senão este, e está já enxovalhado. Vou pensar no que heide fazer. [Senta-se na cela].

Conde caleche — Deixa receber os 15 por cento para as estradas, já tens dinheiro; que esperem.

Cadastrone — Qual esperem! Elles já estão transparentes.

Conde caleche — A respeito de alguns, isso é verdade; mas ha outros que não estão tão mal como tu dizes, porque estes, seguindo os meus exemplos, roubam quanto podem, e eu com isso não me importa, e tu deves fazer o mesmo. Isto é de quem mais apauha. Mas, oh diabo, que ahi vem gente. Quem será!.... ah! é o nosso amigo Recta. [Recta entrando com a cabeça dentro d'uma alcofa].

Cadastrone — Trazes dinheiro?

Recta — [com admiração]. Que bicho é esse?

Cadastrone — Dinheiro, sim, quero dinheiro.

Recta — Tenho meios para t'o arranjar. Dou-te os *Annos da Menina*. Pódes vender esta obra prima, que te renderá um par de milhões. Entrego-te tambem o meu coração, que vendido em Inglaterra produzirá bons arrateis de libras. Outra cousa não tenho.

Cadastrone — Está muito bom! [Lopes, branco levanta-se]. Eu já vou arranjar dinheiro. [Vai para sair, quando entra um individuo, que, abraçando-o, lança ao mesmo tempo, e fica Lopes, branco, com a camisa, collete e calça cheias de vinho, entram ambos].

Cadastrone — Que pouca vergonha é esta em minha casa?

Marcos — [Cambaleando]. São cousas... eu cá.... é que.... sei.... vai torta...

Cadastrone — Tracta-se d'arranjar dinheiro, cousa tão séria; e este beberão é o cuidado que lhe dá!

Marcos — Vai p'ra.... California, se queres dinheiro. [Dizendo isto vai para o fundo da scena, e deita-se no chão, cantando a aria do Paixão, e adormece. Lopes, branco, tinha se despido, e estava lavando o collete n'uma bacia de lavatorio que está na cela].

Conde caleche — Se quer sair, vá no meu caleche.

Lopes, branco — Sem collete!

Cadastrone — Não lhe offereço um dos meus por que estão na engomadeira.

Lopes, branco — Sáio á noute.

Cadastrone — Até amanhã não faz falta. [Sente-se tocar fortemente a campainha. Felix entrando com 7 velhas dentro do chapéu].

Felix — Aqui estou; que me querem?

Cadastrone — Queremos dinheiro.

Felix — Então eu é que heide arranjar dinheiro? Para que tomaste tanto tabaco do contracto?

Cadastrone — E' o meu vicio dominante. E tu por que não pedes emprestado, empenhando algumas das tuas velhas? Aqui está o nosso amigo conde caleche que póde escriptura-las em S. Carlos, e pódes pedir 3 mezes adiantados, ou rebate-los.

Conde caleche — [Olhando para o cha

péo do Felix]. Não estão no caso; quem se pequenas boas. E' verdade! Tive agora uma boa lembrança. Estamos salvos. Inventamos uma bernarda, faz se um emprestimo, e está tudo prompto.

Cadastrone — Já não cahem; ainda se lembram da guerra com os hespanhoes em 40. Essa é muito calva.

Felix — [Pondo o chapéu debaixo d'uma mesa]. Já não posso com este peso [senta-se] esperamos o resultado. [Sentem-se pés de cavallo, conde caleche chega a uma janella, e volta correndo a abrir a porta].

Conde caleche — Uma besta no pateo! E' elle, é elle, é elle.

Todos — Quem? quem?

Conde caleche — O Lopes Limão. [Tomam diferentes posições, Lopes, branco, embrulha se n'um tapete de cima de mesa, o Marcos ronca, e diz sonhando = Bebe tu, não quero mais = Lopes Limão entra, trazendo na mão uma caixa de charuto-].

Lopes Limão — Então que ha?

Cadastrone — Queremos dinheiro e ainda se não poude arranjar: estamos perdidos! Lopes Limão — Já sei tudo [olhando para o Marcos]. Quem está alli deitado?

Cadastrone — E' o Marcos com uma bedadeira tremenda.

Lopes Limão — Fallemos de vagar, por que se elle nos ouve quer que lhe vá matar o bicho.

Conde caleche — Qual? por hoje está prompto.

Lopes Limão — Que dizes tu? aquelle amigo coze tres por dia, e começa a quarta para o dia seguinte.

Todos — E' verdade.

Lopes Limão — Esta caixa contém as joias de Sunda. Valem 3 milhões; para agora chega. Aqui estão; esperem pelo José dos conegos para as ir vender.

Todos — Isso nunca: ficamos sem ellas.

Lopes Limão — Então o Dultra.

Todos — Peior: isto não é objecto de seis tostões dos passageiros.

Lopes Limão — Então o Marcos.

Todos — Vai empenhá las no armazem.

Lopes Limão — Então o Europeu.

Todos — Esse só sabe deitar mesinhas; não tem jeito para corretagens.

Lopes Limão — Vá um de vocês. [Todos olham para a caixa, arremelgam os olhos, mas ninguem se atreve a proferir palavra. Sente-se ladrar um elefante, todos estremeecem; entra José dos conegos vestido á hespanhola, e embuçado n'um capote; ninguem o conhece].

Todos — Quem és? d'onde vens? que queres?

José dos conegos — Sou o diabo, venho do poço novo, quero dinheiro.... [Ninguem responde, e ficam de boca aberta a olhar para a caixa um instante; depois chegam-se todos a elle, tiram-lhe o capote, e dão uma gargalhada].

Todos — Ora tu sempre és muito za ato.

José dos conegos — Eu cá sou assim.
 Conde caleche — Eu vou decidir isto. O
 cadastrone quer dinheiro, não se tem podido
 arranjar. Veiu o nosso amigo Lopes Limão e
 offerece as joias de Sunda para se venderem,
 e estamos em duvida quem as hade vender;
 ellas aqui estão [apontando para a caixa].

José dos conegos — Isso decido eu já...
 [Lopes Limão pega no chapéo].

Lopes Limão — Metus srs., preciso sair,
 decidam isso como quizerem : eu logo venho.
 [Sáe].

José dos conegos — Muito bem, foi-se
 [vai fechar a porta]. O melhor meio é divi-
 dirmos isto entre nós : cada um escolhe as
 que quizer, e quando elle vier diz-se que se
 mandaram vender pelo aguadeiro, que fugiu
 com ellas.

Cadastrone — E os empregados ?

José dos conegos — O mano Antonio que
 te diga o que hasde fazer. [Q cadastrone
 principia a chorar, José dos conegos pega na

caixa]. Ella está pesada. [Vem todos vér.
 José dos conegos abre-a].

Todos — Maldição ! vingança ! traição !
 a morte !

Recta [á parte]. A morte matei-a eu.
 [A caixa estava cheia de burriés ; cahem
 todos sobre as cadeiras a chorar ; Marcos
 acorda, esfrega os olhos e levanta-se].

Marcos — Então que é isto ? Vocês estão
 bebedos, vem das hortas ? [Ninguém rés
 ponde]. Já comeram os camarões ? Ah !
 [vendo a caixa]. Agora são burriés ? Quem
 me empresta um alfinete ? [Uma das velhas
 são de dentro do chapéo, e dá lhe um ; o
 Marcos tira uma mão cheia] vou beber
 mais meio quartilho [sáe]. [Ouve-se zurrar
 um burro e entra o]

Laparão — Que é isto, senhores ? [todos]
 são burriés !! Não sei fazer guizados com
 burriés ; se fossem caracões, ainda, ainda.
 [Sente-se grande barulho na escada, baten-
 do fortemente á porta]. Queremos dinhei-

ro, queremos dinheiro. [Levantam-se to-
 dos].

Todos — Estamos perdidos ; já não pode-
 mos fugir. [Mutação e magica ; a cela trans-
 forma-se n'um pinhal, o chapéo com as ve-
 lhas, que etám fadas, transforma-se em um
 ninho de andbrinhas ; entra muita gente ;
 eram empregados publicos, povo, viovas,
 egressos ; reformados, 3.ª secção, etc.
 etc.]

Todos — Vamos a elles. Agora pagam
 tudo. [Correm á scena e nada encontram ;
 ficam admirados. As velhas que estavam
 transformadas em andorinhas cantam do
 centro do ninho o seguinte côro :

Acabou-se a tempestade
 Sobre a praia dorme o mar,
 Que forças não tem amor
 Quando intenta triumphar ?

[Cáe o panno].

EDITOR — MANOEL DE JESUS COELHO. LISBOA — 1850. Typographia de Manoel de Jesus Coelho — R. do Poço dos Negros N.º 54.



Lith de M.º Antunes R. do Crucifixo N.º 13.

Scena final da Magica = Queremos dinheiro!